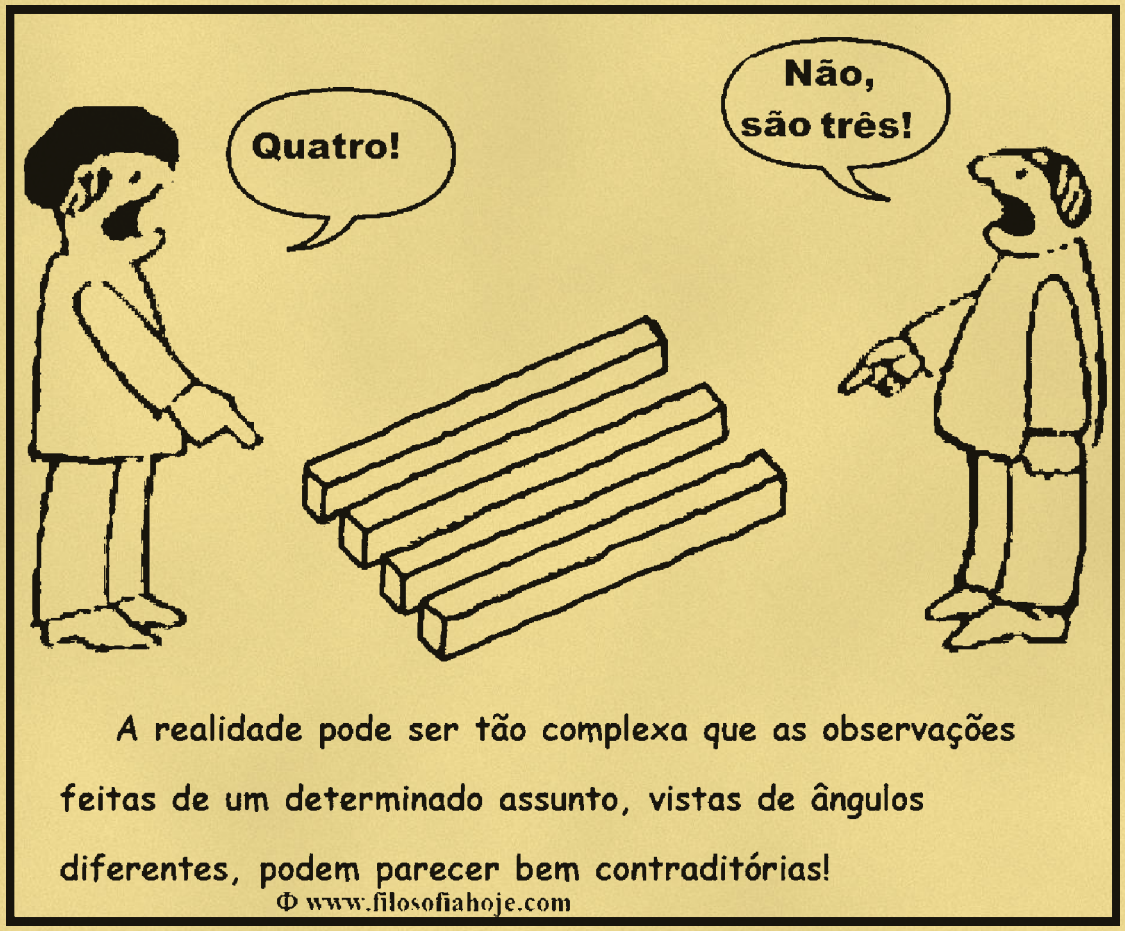
LITERATURA DE CORDEL

FILOSOFIA “O MELHOR REMÉDIO PARA A MENTE”

✦ ✦ ✦



JOSÉ GUILHERME TELES

Distribuição gratuita



Cordel digital produzido e distribuído por **netmundi.org** com autorização do autor.

O homem é um animal
que pensa e tem o falar,
os outros emitem sons
mas não tem um linguajar.
A palavra se encontra
e no humano, demonstra,
do universo, o limiar.

A linguagem é criação
humana, incontestável,
possibilita emersão
de axioma insondável,
envolvimento profundo
que modifica o mundo.
Certeza inquestionável.

O trabalho humano é
resposta da consciência
à naturais desafios
e real sobrevivência.
Às técnicas repassadas,
outrora utilizadas,
reforçam a experiência.

O trabalho é também
excelente atividade
pela qual o homem faz
grande interatividade
entre si e a natureza
em transcendente certeza:
expressão da liberdade.

As diferenças que existem
entre o homem e o animal:
o segundo é natureza,
o primeiro é cultural.
Vários significados

emergem desses traçados.
É mais do que simples grau.

Como já escrito antes,
esse mundo cultural
que vai sendo repassado
pra geração atual,
inclui as atividades
e todas habilidades
dessa cultura, afinal.

Para Adorno e Horkheimer,
o mundo do animal
é um mundo sem conceito,
sem palavra e cultural.
O futuro e o passado
são saber ignorado,
animalizar: um *mal*.

Uma visão do trabalho
- bem filosoficamente -,
diz Mounier, personalista:
“faz então conjuntamente
uma coisa então o homem,
tarefas que o consomem
e o mudam finalmente”.

Na grega antiguidade
o trabalho manual
era desvalorizado,
esse era o usual,
já que era produzido
por escravo, desprovido
de direito social.

Na escravagista Roma
também desvalorizado,

o trabalho era tido:
o ócio negativado,
que era prerrogativa
de homens-livres, cativa.
Muito bem enfatizado.

Na Idade Média, Tomás
de Aquino bem tentou
valorizar o trabalho,
mas a ideia não *pegou*.
A contemplatividade
predominou, é verdade.
A proposta não vingou.

Tanto nos tempos antigos
como na Média Idade
essa atitude esbarrou
na impossibilidade
que a ciência, autonomia,
separe a filosofia
da contemplatividade.

Com o advento da Moderna,
essa tal situação
principia a se alterar
com a burguesia ascensão,
que valoriza o trabalho,
para o progresso, atalho.
Surge outra concepção.

Valorizando o trabalho,
a burguesia nascente
patrocina o surgimento
de um grupo ascendente
estimulando ações,
as grandes navegações:
mercantilismo emergente.

Enormes transformações
sofreu a sociedade
com as novas invenções:
imprensa modernidade,
tinta, bússola, papel,
tipografia a granel.
Sempre muita novidade.

No dezessete, Pascal:
máquina de calcular,
Torricelli, seu barômetro
e o mecânico tear.
Galileu, a natureza,
astronômica certeza.
Máquinas a trabalhar.

Na esteira disso tudo
veio a mecanização.
E com ela, suas fábricas,
nova urbanização.
Mas também acelerado,
surge o proletariado.
Isso dará confusão!

No século dezenove,
pelo recrudescimento
do trabalho, exploração,
sobressai o movimento
chamado socialista
contra o capitalista
que *comanda* no momento.

Com o vinte na metade
é caracterizada
uma nova sociedade,
pós-industrial chamada.

O setor mais importante,
o terciário, pujante.
Consumista, alienada.

Hegel faz uma leitura
otimista da função
do trabalho que liberta
da tal escravização.
Para ele o trabalho
aparece como atalho
pra social libertação.

Marx critica então
essa visão otimista
de Hegel: alienação,
pra ele, maniqueísta.
Para Hegel é consciência
e deve ter influência.
Para Marx é classista.

Ambos, Marx e Hegel
foram bons no seu metiê:
escrever, filosofando,
defendendo o que se crê.
Discordavam quase sempre,
eram mesmo intransigentes,
rejeitavam um clichê.

Agora para pausar
nessa linha filosófica
abordarei pensadores
que de maneira não órfica
organizaram sistemas
seguindo certos esquemas
contra ideia catastrófica

Para Hegel, o concreto:

o espírito objetivo
do Estado, da vontade,
no sentido relativo
é a prática razão,
difere da posição
de Kant, introspectivo:

a boa filosofia,
na genuína expressão
não quer conhecer o mundo,
quer mostrar sua versão.
Não é estática, passiva.
nem também contemplativa,
é genuína criação.

O mundo é matéria-prima
pra filosófica ação.
O filósofo é um gênio,
mente da humanização.
É plasmador incansável
dessa matéria formável,
sob a sua atuação.

É uma praxe no discurso
daquele volicionista
buscando um querer vidente
sempre evolucionista.
Schopenhauer, ao contrário
de Nietzsche, é refratário.
Não vê volição à vista.

ANTIGUIDADE

Abordaremos agora
com a mesma seriedade
a filosofia tida
como da antiguidade.
Depois, para encerrar

voltaremos a falar
da contemporaneidade.
A filosofia antiga
surgiu no ser consciente
junto com a inteligência,
inda no estado latente.
Pulsava estacionário,
num estado embrionário
como a planta na semente.

O pré-intelectual ser
é tal como um mineral-
vegetativo e também
sensitivo, especial.
Apenas potencialmente
e filosoficamente,
Inda não é *atual*.

Só tem essa condição
se desperta a embrionária
inteligência latente,
dormente e estacionária.
Essa humana faculdade
tem toda a tipicidade
de singular e unitária.

A inteligência é
tipicamente humana,
percebe a unidade,
aparentemente *insana*.
Mesmo a multiplicidade
do mundo tem unidade
que o ser humano acompanha.

A inteligência, pois,
percebe o que existe
entre os variados seres

que a natureza consiste.
O sentido só percebe,
a inteligência concebe
o que no mundo persiste.

Ser filósofo então é
perceber pluralidade,
que é parte inteligente
de toda realidade.
O filósofo é o ente
que busca constantemente
conhecer essa verdade.

Existem várias verdades,
dirão os materialistas,
nenhuma tem primazia,
reforçarão ateístas.
O filósofo, porém,
sabe que esse é um bem
reforçado por monistas.

Os sentidos só percebem
essa multiplicidade,
ignorando porém,
do mundo a unidade.
A inteligência, no entanto,
e o filosofo, portanto,
identifica a Verdade.

Os sentidos, por exemplo,
percebem a existência
da árvore, da semente,
diferem da inteligência:
percebe causa e efeito,
concebe o que é sujeito,
da planta vê a potência.

Isso esclarece a frase
atribuída a Jesus:
- “conhecereis a Verdade ...”
e ela vos trará a Luz.
Mostra a logosofia
que a boa filosofia
à liberdade conduz.

A filosofia tenta,
mesmo, na inteligência,
na razão, ou seja, logos,
alcançar essa abrangência,
mais que unilateral,
abarca a universal
e cósmica consciência.

Há uma só realidade,
muitas manifestações,
a primeira é a causa,
as outras, variações.
A primeira não é causada,
produzida, efetivada
nem resulta de ações.

É sem princípio nem fim.
Ela é auto existente,
autônoma, necessária
e autossuficiente.
Ela não existe, ela é
o *Ens*, o *Oon*, o *Yahveh*.
Sempre foi O existente.

A realidade pode,
embora imperfeitamente,
ser um *eterno oceano*,
infinito, intermitente.
Os fenômenos, no entanto,

como ondas em acalanto:
balançando inconsequentes.

Realidade é como a luz
branca a iluminar,
fenômenos são as luzes
multicores a brilhar.
A primeira é a unidade,
as outras, pluralidade,
tudo a relativizar.

Não existe no universo
de modo absoluto
nem principal nem final,
o Creador é impoluto.
não tem princípio nem fim.
Fenômeno, outrossim
tem seu fim, é dissoluto.

Tudo que no hoje é,
o foi ontem e será
amanhã, e a evolução.
Nada pode começar
a ser e a deixar de ser,
o existir é o conceber,
o não-existe é o mudar.

A transição do não-Ser
para o Ser é criação,
mas esse deixar de ser
não é aniquilação.
É conceito puramente,
teórico, existente
na nossa concepção.

Lavoisier, claramente,
demonstrou essa questão

de modo lúcido, enfim:
existe transformação!
Nada some, nem perece
é só o que nos parece.
Eis nossa limitação!

O **algo** que existe hoje
de **Algo** se iniciou.
O **nada** hoje existente
do **Tudo** se originou.
Do **Mais** tudo pode vir,
do **Tudo**, tudo fluir.
O **Nada**, nada gerou.

Todos os *algos* do mundo
com racionalidade,
não emanam, com certeza,
da infinita vacuidade.
Eles vem da infinita
Plenitude, que é restrita
a Deus, a Realidade.

Ele é o *Creador*,
porque *crea* da essência,
mesma de todo o universo,
suprema onisciência.
É o que a religião,
com reverência ou não
chama real consciência

O COSMOCENTRISMO

A filosofia, vimos
nasceu com o despontar
da humana inteligência
que levou a suspeitar
da unidade essencial
desse universo plural

a se diversificar.

Por séculos e milênios
o ser humano trilhou
um caminho singular.
Logo o interiorizou,
trazendo a exterioridade
pra sua realidade,
o seu saber ampliou.
Segundo esse processo,
tido como evolutivo,
filosófico e também
humano, constitutivo,
a filosofia antiga
tem sua história dividida
de modo objetivo.

O primeiro foi chamado
de momento cosmocêntrico,
com universo unitário,
O segundo, antropocêntrico,
que julga por principal
o homem. E afinal,
o terceiro, teocêntrico.

A primeira tentativa
partiu da suposição
de um *arché* fundamental,
era a água e sua ação.
Dela tudo se deriva,
tudo a ela interioriza.
Natural suposição.

Tales de Mileto, o *pai*,
um dos *Sete Sábios* que
liberou o pensamento
filosófico, ao dizer,

ainda especulação,
científica intenção,
pra difundir o arché.

Hoje, Tales, com certeza,
recomporia seu verso,
pois a água é um composto
dentre inúmeros, disperso.
Ele então com todo empenho
bancaria o hidrogênio
como arché do universo.

Outro, da Jônia oriundo
chamado Anaximandro,
denominou de *apeíron*
a base desse meandro
infinito, ilimitado,
dele tudo é originado,
dele vem como *gingando*.

Também daquela Mileto,
Anaxímenes chegou
propondo uma teoria
que como os outros, criou:
é o *aér*, *hálito* ou *vento*,
de onde tudo teve assento.
Assim ele o nomeou.

Foi Leucipo de Mileto
e Demócrito, portanto,
de Abdera, a formular
nesse especial recanto,
teoria singular,
bastante peculiar:
atômica. Teve espanto!

No final desse período

abstrata ambição
dominou os pensadores,
buscando introspecção:
esse elemento é passivo
ou dinâmico e ativo?
Nova configuração.

Na Eléia, Eleáticos,
com Parmênides à frente:
um estático universo.
Com Heráclito, expoente,
de Éfeso, afinal:
além de processual,
age dinamicamente.

Parmênides defendia
a existência do Ser
como a única possível
para o nosso conceber.
O universo é substância
Una, em qualquer instância.
É impossível o Não-Ser.

Para Heráclito o arché,
se agita, movimenta,
em dinâmico processo,
a transformação fomenta.
A realidade é ativa,
nunca se mostra passiva.
Sua base sedimenta.

O ANTROPOCENTRISMO

Finalmente os maiores
gênios da antiguidade
perceberam, impossível,
ter do Cosmo, a unidade.
Mesmo que a procurassem,

só a teria se buscassem
em si a realidade.

Na fachada do seu templo,
Delphos tinha em gravação:
- conhece-te a ti mesmo!
Brevíssima inscrição.
Sintetiza essa legenda
filosofia tremenda
e também religião.

Não pode o homem ansiar
conhecer o exterior,
não adiante querer
ser do mundo o gestor
enquanto não entender,
enquanto não perceber
o seu Eu interior.

Mas o que é pois o homem?
É o concreto, visível,
responderão os sofistas
de um Protágoras sensível.
Já socráticos dirão
é uma manifestação
transitória, inteligível.
Divisão bem clara houve:
Protágoras e sofistas
eram também rotulados
de individualistas.
Socráticos, entretanto,
valorizavam seu manto:
eram universalistas.

Ser bom quer dizer estar
harmônico com a bondade,
essa é a verdadeira

e completa realidade.
A alma humanizada
tem individualizada
a suprema divindade.

Havia duas escolas
de linha antropocêntrica:
socráticos e sofistas,
ambos postura excêntrica.
Sofistas com hedonismo,
socráticos com cinismo,
foram linha egocêntrica.

Os hedonistas primavam
pelo prazer pessoal,
não apenas prazer físico
ou posse material,
mas também superiores,
portanto, outros sabores,
como artístico, social.

Os cínicos, de Antístenes,
sendo antipersonalistas,
desprezavam a vaidade
e os individualistas.
Não é o Eu universal,
mas o Ego *personal*
que nos torna egoístas.

Alguns foram ao extremo,
desprezando o pessoal,
ignorando conquistas
do mundo material.
Diógenes foi um que
com a lanterna, o seu fazer
tornou-se proverbial.

O hedonismo primitivo
mutou-se em epicurismo,
como o cinismo primeiro,
tornou-se estoicismo.
Zenon e a sua escola
em Atenas protocola:
Estoico universalismo.

Grandes nomes ratificam
a ética do fundador
dessa escola, como Sêneca,
Marco Aurélio, imperador,
Epicteto e multidões
que no mundo são milhões
com seu ético ardor.

O estoicismo se mostra
socrático na essência
e bem universalista,
renega a ingerência
do hedonista abusado,
do cínico, camuflado,
mantendo a coerência.

1º PRINCÍPIO
O estoicismo está
baseado essencialmente
nesses princípios gerais
que o resumem internamente:
o da apercepção,
que une ação e reação
bem automaticamente.

Resume-se a algo externo
que exerce impressão
sobre nós e influencia
sobre a nossa atenção:

o externo, que distrai,
o interno, que contrai.
Eis a apercepção.

Obviamente, se vê
que a apercepção
se origina no objeto
que esbarra na reação
do sujeito não passivo
que ao se manter ativo
impede externa invasão.
A apercepção permite
a defesa do sujeito
da tirania de fora
que lhe imporia efeito:
fatos, acontecimentos,
objetos, sentimentos,
provocariam defeito.

Digamos que o objeto
que me fira é incolor,
mas que eu tenha internamente
vermelha ou verde cor,
o incolor, bem prontamente
assume imediatamente
meu colorido, a dispor.

Dizendo de outro jeito:
o objeto que eu vejo
não é como o que eu
no inconsciente desejo.
O de fora é secundário,
o que está em mim é primário,
é real e malfazejo.

No estoico, o externo
é importante, decisivo;

como recebo e reajo,
em mim é imperativo.
Recepção positiva
ou então a negativa
determinará o ativo.

O estoico não renega,
já que é um realista,
a influência que exerce
o externo, intimista.
Com reação pessoal,
rejeita a impessoal,
posição negativista.

Como exemplo, suponhamos
fortuna inesperada
duas pessoas recebem:
a primeira, moderada,
pensa os outros ajudar,
a outra, em esbanjar:
posição incontrolada.

Como se vê, é interna
a potencialidade
e o comportamento que
mostra nossa realidade.
A positiva é benéfica,
a negativa é maléfica.
É nossa interioridade.

O estoico verdadeiro
vive com serenidade,
mas tem toda consciência
da vulnerabilidade.
Vive com os pés no chão,
céu e o inferno na mão.
Evita a infelicidade.

2º PRINCÍPIO

O estoicismo porém
não é só apercepção,
não se autossugestiona,
percebe a erupção
da vaidade excessiva,
causadora de impulsiva
auto-hipnotização.

Por isso que o segundo
princípio estoicista
é o da cósmica harmonia.
O Cosmo é positivista,
verdadeiro e real,
evita sempre o mal.
Nunca é negativista.

O indivíduo e o Cosmo
tem unidade, é concêntrico,
se porém o ser destoa
disso, torna-se excêntrico,
traduzindo em maldade,
causando infelicidade
o seu agir egocêntrico.

O estoico não distingue
erro leve de erro grave,
tudo é oposição
à Lei cósmica, a *chave*.
Nem ato subjetivo,
nem um fato objetivo.
Mas pro Cosmo um entrave.
Na vontade do sujeito
fica clara a intenção,
pois quem rouba uma dezena
também rouba um milhão.

Ou se é bom inteiramente
ou se é mal plenamente.
Não tem meia-opção.

Zenon, Sêneca, Epicteto,
Marco Aurélio, imperador,
dentre outros, imbuídos
desse espírito de amor.
Até Kant, Immanuel,
olhos voltados pro céu,
foi estoico, sim senhor!

PITÁGORAS

Sexto século a.C.
de Samos, do mar Egeu,
profetizado que fora,
Pitágoras floresceu.
Surpreendeu o budismo,
levou *seu* pitagorismo
a surpreendente apogeu.

Compelido, viajou
da sua terra natal,
à Fenícia, Babilônia,
ao Egito colossal
e à Índia, possivelmente.
Pós decênios, novamente,
voltou pra Grécia, afinal.
Retornando do exílio
voluntário, afinal
em Crotona ele fundou
cidade espiritual.
Permeando como prova,
a vida religiosa,
política e social.

Crotona não possuía

a civil legalidade,
era orientada por
pura racionalidade.
Zero policiamento,
atos sem impedimento,
mística civilidade.

Para ele, o Universo
inteiro era baseado
na harmonia numeral.
Externo simbolizado
por elemento interno,
pluralidades do Eterno
em tudo impregnado.

Os números, para ele,
são exteriorizações
desse imenso oceano,
origem dessas ações:
o Eterno, o Universal,
a causa-prima, vital
dessas manifestações.

Pitágoras erigiu
na cidade espiritual
santuário circular
de beleza sem igual.
Héstia, a sua divindade,
luzes da humanidade,
o princípio universal.

A Héstia simbolizava
pra Pitágoras, o UM,
o Infinito. As Musas
são os números: comum.
UM é essência, Unidade,
o Princípio, a Verdade.

As musas são um quantum.

É consenso filosófico
que as ideias criadoras
de Sócrates, e Platão
foram instituidoras.
À Pitágoras remontam,
no seu ideal encontram
luzes incentivadoras.

Comparar seu pensamento
com o Demócrito, atômico,
podemos sim e concluir:
ele não é antagônico.
O átomo, material,
de Demócrito, afinal
é da essência. É harmônico.

Já Pitágoras defende
como Mater substrato,
central polo energético,
que é real, não abstrato,
simples, pela plenitude,
Tudo pela infinitude.
Completo e real de fato.

PLATÃO/PLATONISMO
De Sócrates, seguidor,
de família aristocrática,
um discípulo emerge
da nobre linha de Ática.
Fez com a filosofia
quase uma ideologia
fortemente dogmática.

Pôs sua vida à serviço
da pátria e prosperidade,

de sua Atenas, nacional.
Com impar seriedade.
Logo porém percebeu
um altruísmo plebeu
na ateniense sociedade.

Percebeu e procurou
seus conterrâneos mudar,
e política com ética
pretendeu nela implantar.
Viu que a ética então,
de humana fabricação
ali não tinha lugar.
Ético ou moralmente
bom é tudo que promove
o bem-estar pessoal
e a prosperidade move.
Ele é individual,
de grupo ou nacional.
Boas posturas demove.

Por isso Platão buscou
uma base universal
e também absoluta
pro ser individual.
Percebeu que está além
de qualquer humano bem:
metafísico, mental.

Adotar o indivíduo,
a sociedade, a nação,
como norma a seguir
é fatídica implosão
que irá dilacerar,
como pântano, engolfar
essa frágil união.

Platão, no entanto, teve
momentos bem perigosos
nas andanças pelo mundo
ante líderes jocosos.
Ao visitar Siracusa
teve sua vida reclusa
por seus discursos famosos.

Finalmente conseguiu
resgate à filosofia
do modo como pensava,
teve sua autonomia
de modo bem abrangente,
grande afluxo de gente.
Fundou sua Academia.

Logo então se transformou
ante a originalidade,
o refúgio preferido
da intelectualidade.
Acorriam estudantes
vindos de todos quadrantes.
Primeira Universidade.

Corriam noticiários
nesses lugares então,
do valor, da inteligência,
do caráter de Platão.
Chegou a ser comparado
pelo saber demonstrado,
a um novo Salomão.

Pouco mais de vinte anos,
foi o tempo que Platão
transformou sua Academia
no farol, na luz de então.
Sequiosos do saber

íam lá para beber
das *águas* da sua mão.

Platão teve grande obra,
grandes admiradores,
desde àquela antiguidade
a tempos posteriores.
Roosevelt, com o *Banquete*,
Einstein, vários no colete.
Até hoje, mil leitores.

Platão deixou um legado
para a posteridade:
Republica I, Êutifron,
são de sua mocidade;
Menon, Hípias, Eutidemo,
Crátilo, Menéxeno,
da socrática idade.

O clímax, entretanto,
de sua evolução
ética e filosófica,
da maturidade são:
o *Banquete* e *Fédon*,
Fedro, fim de *Phaidon*,
Republica II, conclusão.

O filósofo, ao final
de sua vida profícua,
retificou, ampliando
obras de outra *nascida*:
Parmênides, Teeteto,
Sofistas, As Leis, Filebo,
Timeu, Kritias, já *dormidas*.

Na doutrina de Platão
a *Ideia* é a alma

da sua filosofia,
elaborada, que acalma.
Eidos é a original
imagem, que afinal
a espiritual empalma.

O *Eidos* é inacessível
a sentido e à inteligência.
É a razão Universal,
humana e íntima essência.
Sente pela intuição,
pela introspecção,
tomando enfim, ciência.

Aristóteles, Platão,
nobres da filosofia
helênica, culminaram
cada um sua ideologia.
Perenes da humanidade,
faróis da mentalidade,
mais que a mitologia.

Platão era dedutivo,
sintético e intuitivo;
Aristóteles, indutivo,
analítico, intelectivo.
Duas cristalizações,
são duas concepções
do universo efetivo.

Pra Platão, a realidade
é única, universal;
pra Aristóteles, é múltipla,
porém individual.
Pro segundo, é periférico
para o centro, exotérico.
O mundo é fenomenal.

O primeiro, vê do centro
para a periferia.
O Centro é universal,
detém a hegemonia.
O segundo, alonga os olhos,
retirando os antolhos.
De fora, a primazia.

Pitágoras e Plotino,
Orígenes e Platão
veem a humanidade
de um futuro, então.
Tidos como idealistas.
para os outros, realistas
e mental abstração.

Protágoras, Epicuro,
Aristóteles, Demócrito,
veem a humanidade
de um modo mais neófito,
agem como empiristas,
se mostram idealistas,
transpiram estereótipo.

Escolásticos tomistas,
proclamaram seu patrono:
Aristóteles, enfim,
com Agostinho no *trono*:
O mundo veio do Nada,
em criação fecundada
por Deus, *fiat abono*.

Pra Aristóteles, o ser
é idêntico a existir.
Se não existe, não é,
logo não terá porvir.

Pra Platão é universal
mesmo sem o individual,
consequência do devir.

Aos cinquenta de idade
Aristóteles fundou
Liceu de Filosofia,
onde anos lecionou.
Chamado peripatético,
primava seu lado ético.
Seu pensar enraizou.

Aristóteles, durante
seu período platônico
aceitou com entusiasmo
seu pensamento icônico:
do tratado à natureza.
Há vestígios, com certeza,
de um filósofo lacônico.

Para ele, tudo consta
da forma e da matéria
determinável, passivo,
potencialmente séria.
A forma e atualidade
constante na eternidade
como sangue na artéria.

NEOPLATONISMO
Vinda de Alexandria,
grande sintetização
daquela filosofia
gestada sob Platão:
drama multimilenar,
misticismo exemplar
dessa civilização.

O Neoplatonismo foi
o nome mais conhecido
dado a esse movimento,
que o tornou enriquecido.
Todos bons alexandrinos:
Judeu Philo, o Plotino
e Orígenes, convertido.

Philo fez a hegemonia
de projetos com Platão,
mais Moisés e os filósofos
daquela Grécia, então.
Um Plotino arrojado,
místico, elaborado,
racionalíssima ação.
Orígenes, por seu turno
procurava demonstrar
que Platão foi precursor
do Cristianismo invulgar,
o Evangelho de Jesus,
enquanto *doutos da cruz*
procuravam ocultar.

Para o neoplatonismo
nossa mente é de fato
a causa do pensamento,
dela ele emana exato,
nela se mantém latente,
ele irradia da mente,
o seu grande substrato.

Plotino foi aclamado
como o Buda do Ocidente,
elevou o espiritual
de modo bem evidente,
daquela humanidade,
cuja materialidade

era forte, consistente.

SANTO AGOSTINHO
Nascido como Aurélio,
na cidade de Tagaste,
Agostinho foi um homem
de polimorfo contraste.
Fez do SEU cristianismo,
vindo do neoplatonismo,
robusto e sem desgaste.
Fecundíssimo escritor,
buscava uma unidade
neoplatônica monista,
dar fim à dualidade.
Peregrino e viajor,
suas obras tem clamor,
muita racionalidade.

Agostinho bem sabia
que o belo platonismo
não deixaria firmar
poderoso hierarquismo,
numa igreja medianeira.
Para o homem, a verdadeira,
Deus *intermediarismo*.

Pra poder realizar
todo esse imanentismo
espiritual para um
Teo-transcendentalismo,
à escolástica feudal
deu roupagem original:
o atual catolicismo.

O mundo não lhe é eterno,
como Aristóteles disse,
também não essencialmente,

como Platão o predisse.
Pra ele, veio do Nada.
de Deus veio emanada
mais do que qualquer crendice.

Há quem identifique o **Nada**
na Bíblia, enumerado,
como o **Todo** filosófico
inda não identificado.
Mas o **Nada teológico**
não é o **Todo filosófico**.
É um **Algo variado**.

O platonismo não é
para uma humanidade
de baixa evolução,
de pouca maternidade.
Verdades exotéricas
são aquém das esotéricas
que visam plena Verdade.

O MONISMO ABSOLUTO

O monismo absoluto
significa a Unidade
Absoluta de Deus
exposta em variedade
pela sua quintessência,
emanados de Sua essência.
Indiscutível Verdade.

Pros filósofos citados
e tidos como monistas,
Deus é A Realidade,
não como monoteístas:
Deus e o mundo, há distinção,
pro monista há união.
Mesma universalidade.

No Egito nasceu Hermes,
nome dado pelos gregos.
Na sua terra era Toth,
cantado pelos aedos,
codinome Trismegisto,
muito sábio e benquisto,
produziu vários *enredos*.

Seus discípulos guardaram
registros do seu pensar,
no *Kybalion* enfeixados
pra humanidade guiar.
Princípios com *hermetismo*,
espécie de sincretismo
de *luzes* pra iluminar.

Principia com o *Logus*
da espiritualidade;
Ritmo e *Correspondência*,
juntos na polaridade,
mantendo-se divergentes,
são de fato convergentes:
complementariedade.

Distingue a filosofia
no plano fenomenal
cinco níveis principais
no TODO Universal:
o mineral, o astral,
o vital e o mental.
Finalmente o racional.
Nada está em repouso,
princípio da Vibração,
tudo se move e vibra,
é universal condição.
Einstein mostrou, é verdade,

com sua relatividade
e a atômica explosão.

Pitágoras e Heráclito
já falavam da harmonia
e do fluxo perpétuo
em sua filosofia,
daquilo que é positivo,
integrado ao negativo.
Tudo é pura energia.

O quinto princípio é
a transmentalização,
difere da medieval,
a transelementação.
Mudanças de pensamentos
e não a de elementos
causam a transformação.

A este tipo de alquimia,
mental-espiritual,
denominamos Vontade
cósmica e humana: dual.
É uma sincronização,
uma grande integração
de modo atemporal.

O sexto princípio é
o da *Causa e do Efeito*,
nada escapa à essa Lei,
o equilíbrio é perfeito,
os efeitos, variados,
motivos apropriados.
O Todo é esse preceito.

Pra Hermes, o homem teme
uma oniconsciência

que lhe é incompatível,
como a pleniconsciência.
Sua personalidade
e impessoalidade
ressaltam a deficiência.

O sétimo princípio tem
duas forças coordenadas:
masculino e feminino,
de *Gênero,* são chamadas.
Uma sendo doadora,
a outra receptora,
do Todo originadas.

Deus é UM em sua essência,
mas muitos em atividade,
é um corpo pluralístico
e essa pluralidade:
fecundante, o *masculino*;
fecundada, o *feminino*,
assentados na unidade.

O elétron é *solteiro*,
fêmea negatividade;
o próton é *masculino*
e tem *positividade*.
Namoro eletroprotônico
mostra do lado eletrônico
irreal passividade.

O princípio dualista
permeia toda a unidade,
tantas manifestações
da nossa dualidade.
O Eu individual,
junto ao Nós universal
nega a individualidade.

BUDA, O ILUMINADO

Nascido como Siddhartha,
de sobrenome Gautama,
em província do Nepal,
sutil e brilhante chama.
Com esmero foi educado,
mas sendo martirizado
que descobriu o Nirvana.

Num passeio aventureiro
pelos domínios reais
deparou-se com miséria,
doença, morte: normais,
que despertaram, entretanto,
do seu Ser o desencanto
e lhe abalaram demais.
Desse dia em diante,
constante meditação
se impôs o jovem nobre
e tomou a decisão:
pra longe peregrinou
E respostas procurou
pra acalmar sua aflição.

Durante seis longos anos,
incógnito então vagou
pela Índia, mendigando,
o seu sustento implorou.
Não podia tolerar,
ele, rico, se abastar
e então se obsecrou.

Pra ele o maior pecado
do homem, a pior ação,
a base do seu egoísmo:
a individualização,

superindividual,
realidade universal,
absoluta ascensão.

Aos quarenta anos, Gautama
começou a percorrer
o mundo oriental,
passando a discorrer
sobre a felicidade
que é a Cósmica Unidade,
que orientam o viver.

Gautama ratificou
a sua filosofia
em quatro *Verdades nobres*,
cheias de simbologia:
o *fato* (físico e moral),
a *causa* (tomo individual),
o *remédio* qual homeopatia

e o *modo* de conseguir
garante a meditação
bem intensa e frequente,
profunda introspecção,
que faculta o Universal
do efêmero, temporal,
em forte concentração.

Buda também ensinou
caminhos da *Redução*
Óctupla. Uma jornada
do Maya, da ilusão
à Nirvana liberdade,
que simboliza a Verdade,
fugindo da escravidão.

O primeiro, a *Retitude*

Real *do Conhecimento*,
microcosmo, macrocosmo
puro em nosso pensamento,
de motivos, consistente,
vigilância permanente,
ativo comportamento.

Retitude no falar.
Elas são a expressão
da atitude interna,
nossa comunicação,
atitude negativa
traz palavra negativa.
A vigilância, então.

Retitude no agir.
Buda estabeleceu
ordenação rigorosa
para domínio do Eu:
nada ferir ou matar
para se alimentar.
por isso muito sofreu.

Retitude no trabalho,
na profissão escolhida,
que garanta o necessário
pra manter a sua vida.
Deve ser bem compatível,
deve ser bem exequível
no dia-a-dia, na lida.

Retitude de esforço,
consiste que cada Ser
aja em sua profissão
com o melhor proceder.
Nenhum sensato depende,
e daí se depreende,

de outro pra sobreviver.

A *sétima Retitude*
é a da recordação,
a espiritualidade
é uma evolução.
A essência é a divindade.
Esquecer essa Verdade
é a desumanização.

Finalmente a *Retitude*
final, da *Realização*.
Através dessa etapa
chega-se à equiparação.
Em Ético, se tornando,
o humano transformando
numa divinização.

A FILOSOFIA ORIENTAL

Brahma é o Absoluto,
o Eterno, o Infinito,
o Todo, a Realidade,
o Único, inaudito,
a Cósmica Consciência,
a Ilimitada Imanência,
o Universo, o Infinito.

Brahma então não é
um ser individual,
mas sim a Realidade,
a própria, Universal,
não é objeto cognoscível,
também não-intelectível.
O Oceano sem par.
Brahma não existe, ele É,
Brahma é o único Eu Sou,
Brahma não é ele nem ela,

Ele que nunca deixou
de ser necessariamente.
No passado e no presente
do Mundo sempre ecoou.

Masculino ou feminino
Brahma não foi nem será
Ele é neutro por extrema
fecundidade sem par.
Não de forma disjuntiva,
na condição conjuntiva
com plenitude integrar.

Em Brahma não há vestígio
de qualquer dualidade,
nEle inexiste sintoma
de qualquer pluralidade.
Do Mundo fenomenal
é a raiz, sem igual,
a Absoluta Unidade.

Só pode o homem saber
de Brahma como Sujeito,
na sua Unidade real,
não objeto, imperfeito.
Brahma só é cognoscível
com seu Atman sensível.
Não existe outro jeito.

São revelações de Brahma,
no Mundo fenomenal,
tidas na filosofia
por Maya, bi-radical,
grande manifestação,
diferente de ilusão,
independente, real.

Como círculos concêntricos,
Deus, o homem e o mundo,
radicando no Divino,
o homem alcança profundo,
em perene harmonia
com a Verdade, sintonia,
integrado e fecundo.

Filósofos indianos
dizem que Deus é presente
como a energia solar
na madeira é latente.
Assim Brahma é atual
no mundo fenomenal,
em todo ser, imanente.

CONTEMPORANEIDADE

Depois de Santo Agostinho,
o platônico monismo
foi então subjugado
pelo aristotelismo.
Agostinho não ousou
e essa ideia afastou,
preferiu o dualismo.
Embora considerada
como uma filosofia,
a escolástica não passa
de uma teologia
que inteligentemente,
Agostinho fortemente
defendeu sua primazia.

Do século XIII *pralém*
foi o ponto culminante
do transaristotelismo
na Igreja dominante.
Em cadeia, reações,

fortes manifestações
reforçam o dissonante.

Contestando a ditadura
físico-espiritual
de Roma à humanidade
durante a Medieval
teve o Renascimento,
o protestantismo evento,
democracia, afinal.

Essas manifestações
tem uma mesma essência:
auto personalidade
da humana consciência,
assim como o indivíduo
muda, isso é assíduo,
da infância à adolescência.

No terreno filosófico,
essa forte transição,
cônscia, da inteligência
foi a emancipação
da opressão existente,
que controlava a mente.
Acabou em erupção.

Aparentando anarquia,
moral, intelectual,
como a do adolescente,
o que é bem natural,
descobertas, invenções,
as grandes navegações
e o fim da medieval.

THOMAS HOBBES
Empírico na essência,

pragmático, porém,
Thomas Hobbes defendia:
pensar correto é um bem.
Só aceitava por real
fosse físico-mental,
o resto da fé provém.

Natureza para ele
não pode ser acessível
nem aos humanos sentidos
nem ao intelecto crível.
Só tem a filosofia
com os sentidos, harmonia,
Assim lhe era inteligível.
Pensar é sentir, diz Hobbes,
a inteligência é função
específica do cérebro
que faz a coordenação
intelectualizada,
anti-sensibilizada,
é sua organização.

Livre-arbítrio, disse Hobbes
é humana ilusão:
liberdade é impossível
onde abunda emoção.
Nosso subconsciente
nos engana. Livremente,
é impossível a ação.

Hobbes e a filosofia
culminou na conclusão
de que o poder é direito
contra a natural ação
do homem, com ingerência
dum governo e influência
pra sancionar a razão.

RENÉ DESCARTES

Descartes é tido como
filósofo da universal
dubitação e retórica
para a Verdade, afinal
recomendava evitar,
nunca dogmatizar
o que é rotina geral.
Para Descartes, o Todo
não é a soma total
das partes consideradas,
pois isso é irreal,
assim, o conhecimento
delas é experimento.
O Todo é Universal.

O seu Postulado não
é hipótese precária
como de outros pensadores,
é realidade primária,
original, evidente,
claro, insuperavelmente,
mas é intermediária.

Bérgson o denomina
um dado do consciente,
algo interno, anterior,
claro, meridianamente.
O alicerce original,
pleno, virgem, sobre o qual
se ergue o cognoscente.

Descartes também estudou
vivamente o Mundo externo
e chegou à conclusão:
diferente do interno,

é composto da extensa
E também da inextensa,
são divisões do eterno,

Substâncias que o compõem
completo, basicamente,
embora o homem pensante
não o visse claramente,
o espírito dualista,
filosófico, tomista,
aristotelicamente.

Durou pouco esse dualismo:
concepção homem-mundo:
pluralidade aparente,
unidade é mais profundo,
tempo-espaço, irrealidades,
são simples modalidades
de um processo rotundo.

BARUCH SPINOZA

Spinoza foi citado
inda na introdução
quando os monistas foram
lembrados com efusão.
Para ele, é verdade
Deus é a realidade,
a Razão e o Coração.

Teve de Deus, Spinoza
a mais profunda visão
que um humano percebeu
como uma revelação:
os homens, isso é verdade,
devem a felicidade
à ignorante ação.
Para Spinoza, sentir

a sua infelicidade
é entretanto uma grande
e real felicidade,
é como a libertação,
princípio da redenção,
encontro com a Unidade.

A Unidade é a essência
das coisas perceptíveis
por algum ser consciente,
de modos cognoscíveis.
A harmonia resultante
percebida por pensante
de reflexos sensíveis.

Spinoza negou sempre
tanto a personalidade
de Deus, como a sua
bem lógica, liberdade.
Para ele, o finitismo
e o antropocentrismo,
não se aplicam à Unidade.

Deus não possui consciência
nem a personalidade,
atributos bem humanos,
nem mesmo a liberdade.
Deus tem oniliberdade,
onipersonalidade.
Não tem a polaridade.

Spinoza questiona
se existe a liberdade,
se existe o livre-arbítrio
e a responsabilidade.
Ele nega a habitual,
mas defende a moral,

Spinoza realidade.

Pela ignorância, incônscios
da nossa escravidão,
pela ciência, o intelecto
nos esclarece essa ação.
Sabedores da Verdade,
teremos a realidade
e o cerne da razão.

O monismo de Spinoza
afirma a imanência
nessa racionalidade,
defende a transcendência.
Difere do Panteísmo
e também do dualismo.
Deus é, essencialmente.

Spinoza nega que haja
a menor necessidade
de dogmas pra guiar
a nossa humanidade.
Sendo bom eternamente,
fazer bem unicamente.
Essa a grande Verdade.

Para Spinoza o Estado
deve criar um ambiente
de segurança e paz
pra que tudo normalmente,
sem ditadura, extremismo,
nenhum absolutismo,
seja a harmonia presente.

Como se vê, Spinoza
defende implicitamente
a ideal cosmocracia,

com o indivíduo plenamente,
com consciência interna,
abolisse lei externa,
tudo espontaneamente.

Errado é considerar
Spinoza, panteísta,
ele foi interpretado
de modo maniqueísta.
Poucos foram densamente
e tão violentamente
bem ou mal, nome na *lista*.

Kant, Fichte, Schelling,
Schopenhauer e Hegel,
Nietzsche e muitos outros
se fartaram do seu *mel*,
muitos dos seus pensamentos
lhes serviram de alentos
na procura do seu *céu*.

Como o neoplatonismo
convém sempre se lembrar,
poucos tem o simbolismo
desse homem singular,
que viver intensamente,
sendo indubitavelmente
um filosofo angular.

JEAN JACQUES ROUSSEAU
Em princípio do XVIII,
geral civilização
da Europa atingira
um grau de saturação
de falso eruditismo,
raso intelectualismo,
emergindo de roldão.

Pra muitos, a redenção
daquela humanidade:
soma de conhecimentos
e intelectualidade.
A maior erudição.
a sapiência de então
era imposta à mocidade.

Nesse contexto, Rousseau,
corajoso, enfrentou
ídolos do eruditismo
e em seu lugar plantou:
Árvore de vida simples,
melhorando como ouvintes,
um real naturalismo.
Pra Rousseau, a Natureza
é boa, fundamental,
contra a civilização
que para ele era um mal.
Com a intelectualidade,
perde a espontaneidade.
Retorno ao Original.

Acha mais, a Natureza
humana é emocional,
instintiva ou totalmente
indisciplina real.
Deve então o ser humano
retificar o seu *plano*
pra ter futuro, afinal.

Apesar do *seu Contrato*,
foi um gênio emocional,
teve influência na marcha
da evolução social
daquela humanidade,

com intelectualidade,
mesmo paradoxal.

David Hume e empiristas,
têm fobia à postulado
ou um seu equivalente,
mesmo significado.
O método científico
é bastante específico.
Nunca é *instintivado*.

É analítico-indutivo.
Isso, exclusivamente;
Percepção-sensitiva,
de modo integralmente.
Não comporta intuição,
é mística sensação.
Pra eles é evidente.

Duas causas, claramente,
não se podem demonstrar>
o escuro da meia-noite,
meio-dia a iluminar.
Claro, absolutamente,
escuro, completamente,
não se podem contestar.

O que se mostra, porém,
são coisas crepusculares,
chamadas de penumbrais,
luz e trevas, circulares.
Isso gera um postulado:
pleniluz é antecipado,
ditos espetaculares.

É matematicamente:
do menos não pode mais,

reforça e logicamente,
o efeito é incapaz
de sua causa superar,
certeza só vai chegar
com uma solução sagaz.

No século XIX,
Augusto Comte em ação
prega o conhecimento
pela civilização.
Mas nem do bruto, o regresso,
nem seu ansiado progresso
resolvem essa equação.

No Contrato Social
expõe Rousseau seu pensar,
que forçou seu banimento,
para a Prússia foi morar.
Atacando a monarquia,
mas sua democracia
é apenas basilar.

Pra ele qualquer classe
de homens ter privilégio
de cunho espiritual
para ele é sacrilégio.
Qualquer um pode então,
contatar Deus e não
depender de sortilégio.

IMANUEL KANT

Kant já foi comentado
em momento anterior,
agora, mais longamente
diremos do seu labor:
viveu seu mundo interno
mais feliz do que no externo.

Solitário pensador.
A sua filosofia,
toda a sua atenção
buscava saber o como
do conhecimento, então,
o processo que o sujeito
elabora seu preceito
preencheu sua solidão.

Ele é o típico exemplo:
agudo intelectualismo
pode caminhar de mãos
dadas com o misticismo.
A genuína Verdade:
a intelectualidade
combate o ceticismo.

Razão Pura (Eterno Logus),
Razão Prática (Puro Amor)
Pura, são quantitativas,
Prática, vivo valor.
O mundo subjacente
é nos sentidos, presente,
disse o grande pensador.

O imperativo de Kant,
categórico, chamado
vem do Eu individual,
real universalizado.
Ele vem da consciência
- nunca de uma ciência -,
nela mesma originado.

A ética kantiana
passara a ser racional,
não era mais volitiva,
sabedoria real.

Denomina-lo de estoico
não é errado, heroico.
Foi um sábio, afinal.

GEORG WILHELM FRIEDRICH HEGEL

Por estranho que pareça,
Hegel veio a se tornar
nesses séculos recentes
o filósofo sem par.
Adotado no nazismo
e também no comunismo.
Ideologia modelar.

Esses totalitarismos
adotaram o seu estilo
clássico, embora Hegel
não se assemelhe àquilo.
Ele era não-estatal,
metafísico, social.
Bem diferente daquilo.

Kant, antes comprovara
que objetos dos sentidos
quando condicionados
em modelos indevidos
são reais precariamente,
bem subjetivamente:
vagamente conhecidos.
Pra Hegel, o menos precário
dos mundos cognoscíveis
é o da prática razão,
ético-intelectíveis,
daquilo que é = ciência,
que deve ser = consciência.
Einstein: instantes sensíveis.
Em estudos concluiu
a tríplice divisão,

com base espiritual
fez a classificação:
o Ego que é individual,
o Nós, o estado social
e o Universal: coesão.

Hegel discordou de Kant
que disse o humano ser
nunca o meio, mas o fim,
um errado proceder.
Para ele o fim supremo
aqui no solo terreno
é o Estado. É o seu ver.

A ditadura estatal,
por Hegel imaginada,
fez a esquerda e direita
a terem ratificada.
Hegel, implicitamente,
ou até explicitamente,
filosofia gestada.

Sem ter esse background
místico-espiritual
por Hegel teorizada,
tem sucesso estatal:
Alexandre, Mussolini,
Gengis Khan, Hitler e Lenin
usaram desse dual.

O que políticos, estadistas,
jornalistas, escritores
fazem é apenas mostrar
uns pequenos dissabores,
ilógicas conclusões,
ditatoriais ações.
São os principais atores.

Para a sua metafísica,
Deus é o Absoluto,
a Razão Cósmica, enfim,
o Íntegro Resoluto.
Ele é intelectual,
e vegetal, é animal,
o mineral impoluto.

Para Hegel, a família
é a base do Estado,
o espírito objetivo,
no casamento adotado.
Mas por simples sentimento
ele pode, num momento
ser facilmente anulado.

Bancar direitos iguais
a todos os indivíduos
claramente desiguais,
são potenciais dissídios.
A justiça é impessoal,
mas pode ser imoral,
causa até de genocídios.

ARTHUR SCHOPENHAUER
Juntamente com Nietzsche,
Schopenhauer é acatado
como o teuto filósofo
mais lido e mais citado.
Mesmo sendo pensadores,
loucos, geniais criadores,
muito extremos e ousados.

Kant disse sobre o mundo:
- reflexo subjetivo,
para mim é ignoto.

O mundo objetivo:
dele, tudo que sabemos
é o externo que vemos,
real incompreensivo.

- O meu mundo é um composto
de formas e impressões
inteiramente moldadas
por minhas convicções.
Minha humana natureza
só me permite a certeza
das minhas integrações.
Schopenhauer, meditando
sobre as teses de Kant,
sobre o Eu e o Não Eu,
do dualismo, entretanto,
discordou, pois arbitrária,
a Vontade é unitária,
como fosse sacrossanto.

Ele também descobriu
que o *querer* e o principal,
mais premente que o pensar,
que é acidente casual.
O segundo é inconstância,
o primeiro é substância.
A Vontade, afinal.

O querer é a essência
do sujeito e natureza
íntima do objeto,
disso ele tem certeza.
Homem é feixe de vontades,
querer é a Unidade,
objetiva grandeza.

A Vontade é creadora

do universo, permanente,
Universal em si mesma,
do homem, independente.
É a fonte interminável,
de vida, inigualável.
Não pára sua corrente.

Schopenhauer, com eloquência
irresistível, exalta
grandezas do niilismo
absoluto e ressalta
a importância do Nirvana.
Mas pra sua vida, humana,
ficou herança peralta.

Provocações bem amargas
lançou contra o feminino.
A mulher, segundo ele,
é responsável malino,
pelas misérias humanas,
por incentivar a *manha*
de menina e de menino.

O homem, segundo ele,
é fraco, às vezes brutal,
a mulher, bem curvilínea,
usa o lado sensual.
Do pai, herda a verdade,
mas a intelectualidade,
da mãe, eis o grande mal.

Arthur era egoísta,
convencido, orgulhoso,
como poucos, conseguiu
ser filósofo famoso.
Ele se considerava,
de verdade, apregoava:

sou único, valoroso!

FRIEDRICH NIETZSCHE
Considerado o mais
influente dos germânicos
filósofos, do que Hegel
e de Kant, sim, vulcânicos.
Nietzsche foi sem favor,
ciclone devastador,
estilista bem orgânico.

Ler suas obras é cruzar
noite escura e profunda,
com lampejos inconstantes,
ante a força que abunda.
Ela é mais destruidora
que cônscia, reparadora
da humanidade que afunda.

Ele acusa o ocidente
de mórbido moralismo
e encerrando a diagnose:
seco intelectualismo.
No segundo, o alemão,
no primeiro, o cristão
Paulo e o Cristianismo.

Darwin após 40 anos
de estudos, concluiu
que na luta pela vida
a espécie evoluiu.
Sobrevive o mais apto,
isso pra ele é um fato.
O mais fraco então sumiu.
A seleção natural
é instinto inerente
a todos os organismos,

é mesmo inconsciente.
Não é guerra de extermínio,
é pra dar o predomínio
àquele mais resistente.

Nietzsche concluiu além:
esse princípio inerente
ao orgânico, seria
a solução, claramente
para nossa humanidade.
Ter compaixão, piedade,
viola a Lei existente.

O homem, claro, é destino,
em que impiedosamente,
eliminar o que é fraco,
firmar corajosamente
o que é forte, não insano,
nesse grande plano humano,
aceitável eticamente.

Virá dia, afirma em
dos Deuses, o entardecer,
quando então o *super-homem*
rirá desse proceder,
da nossa ignorância,
ética jardim de infância,
amplamente decorrer.

No mundo inferior,
de maneira automática,
dissera ele, as massas
são apenas burocráticas.
Não existe democracia
e sim aristocracia.
Natureza dogmática.

Ele nunca professou
aceitação a racismo,
menos ainda praticou
algum antissemitismo.
Mas Hitler, espertamente,
muito coerentemente,
praticou no seu nazismo.

Pra Nietzsche surgirá
o super homem então
no seio da humanidade,
não apontou a nação.
Assim como não indicou
nem tampouco proclamou
super tigre ou leão.

Pra ilustrar seu pensamento
recorre à comparação
de Apolo e Dionísio,
que representam então,
o primeiro, a Vontade,
o segundo, de verdade,
a inteligência padrão.

A humanidade de hoje
está doente, infeliz,
enquanto o animal
está sadio, sem verniz.
Será o homem inferior
por causa do seu labor
não praticar o que diz?

Contra Paulo ele lançou
pesadas acusações.
O Cristianismo legado
padeceu transformações:
é natural o pecado,

pelo sangue, anistiado,
ao sexo, punições.

O Cristianismo, enfim,
com o seu catolicismo
encampou os elementos.
Só dois, o protestantismo,
nenhum deles, entretanto,
representa, eu garanto
o Real Cristianismo.

Huberto Rohden nos diz
sobre a filosofia:
ela deve orientar
o homem nessa analogia.
Livre é saber a Verdade,
ser livre é ter liberdade.
ser livre é ter alegria.



O AUTOR

JOSÉ GUILHERME Soares TELES, nasceu em Belém, Pará, em 25 de junho de 1949. É pai de seis filhos e avô de quatro netos. É jornalista, cordelista (acadêmico da ABLC, cadeira nº 13) e Professor. Se classifica como aprendiz de poeta.

Entre 2017 e 2020 publicou mais de 70 cordéis. Também em 2017, pela Editora Labrador, lançou o livro Pequena História do Rio de Janeiro, em cordel sextilha, com um glossário dos fatos históricos cordelisados na obra.

Em 2020 já publicou, além de folhetos, dois livros em cordel com ISBN, Poemeus II e Filosofando, a História da Filosofia. Além desses, publicou seu primeiro romance: Os Meninos da Mangueira e o livro infanto-juvenil: A Menina que perdeu a cabeça e outras histórias. *Chico Salles, o Menestrel, Luiz Gonzaga, o mestre do baião entre outros.*

E-mail: barreirotell@gmail.com

Tel.: (21) 99888-3013